

A IMPOSSIBILIDADE DA CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE SOFIA DE *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS*

Renata Cristine Gomes de Souza

Orientadora: Renata Flavia da Silva

Doutoranda

RESUMO: O romance *Se o passado não tivesse asas* apresenta dois cenários históricos que são resultado de um grande processo, que passou por processos como a colonização: o período da guerra civil e um período em que as guerras já tinham findado. O autor trata de um novo tempo, em que as utopias já estão frustradas e que já não há mais possibilidades de esperança. A história da protagonista, Sofia, é apresentada em dois blocos distintos. Em espelhamento, passado e presente constroem a história, desse modo com a apresentação desses dois momentos da história do país, há a junção de duas tramas que a princípio parecem inconciliáveis, mas que são formadoras de uma só trajetória. As ações de Sofia são reflexos desses dois momentos. No presente trabalho veremos como a sua trajetória faz com que ela se adapte à vida que lhe destinada e como sobrevive nos meios em que se insere ou é inserida. Palavras-chave: Utopia, trauma, violências.

O romance *Se o passado não tivesse asas* foi, até o momento, o último romance publicado por Pepetela, no ano de 2016. A narrativa procura trazer um olhar para a Angola de hoje e para os herdeiros da nação livre. O romance aborda uma série de questões, dentre elas estão: Quem são essas pessoas que formam o país? Qual é a relação entre tais pessoas e a história recente de Angola? Como país e indivíduos constroem-se mutuamente? E, ainda nos faz pensar na relação entre e literatura história, trazendo uma reflexão a respeito da independência, desse passado recente, e da guerra civil que se estabeleceu depois. Assim, no entremeio das questões de construção dos indivíduos e da relação do romance com a história, chegamos à questão que aqui nos interessa: Que tipo de indivíduo que essa narrativa que tenta reconstruir uma parte recente da história pode apresentar? Segundo a análise desses

personagens, há possibilidade de utopia ? E ligando todas essas pontas chegamos a uma questão final: há ainda a possibilidade de construção do herói?

No presente trabalho pretendemos ver como a relação história e literatura é importante na composição da protagonista do romance estudado. No período histórico em que a personagem cresce a falta de utopia parece tomar conta dos personagens, que passam a ser regidos pela sobrevivência e pela conveniência.

Ao mesmo tempo que conhecemos Himba, somos apresentados à Sofia. As duas vivem em espaços e tempos diferentes de uma mesma cidade e suas experiências com a cidade parecem divergir muito. Vejamos a seguir a apresentação inicial da personagem:

Sofia Moreira levantou a voz, irritada com o jovem parecendo molengão, estás a demorar demais, tenho trabalho. Ela era normalmente paciente, uma de suas qualidades. Tivera de esperar muito por uma oportunidade, mais que o cão pelo dono. O tempo passou e passou, nada de relevante acontecia nos últimos anos, depois de uma infância demasiado agitada e uma adolescência mais calma. Estudou um curso médio. Experimentou alguns empregos, onde aprendia sempre um pouco, mas não se entusiasmava, arranjava o primeiro pretexto para o abandonar. (...) De repente aconteceu, uma espécie de aposta arriscada, por que não tento fazer aquilo de que gosto afinal? Os conhecimentos antigos até podem ajudar, mesmo se de forma indireta. Acertou na aposta, mudando de ramo. Hoje, beirando os 30 anos, tudo se afigurava diferente. A inauguração de um apartamento novo poderia parecer pouca coisa. Era, porém era a primeira vez na vida. (SOPNTA, p. 20,21)

Sofia inicialmente é apresentada com uma mulher trabalhadora, que sozinha conquistou uma vida confortável a partir de oportunidades, que demoraram para surgir, e de uma vida que construiu para si. Sua colocação no restaurante e o papel fundamental no crescimento do estabelecimento mostram como a personagem é articulada e que apresenta uma visão de crescimento. O início de sua narrativa mostra como ela parece analisar bem o ambiente e consegue ver possibilidades de adaptação e melhora.

Logo do início de sua descrição, podemos perceber que sua vida parece ser contrária a de Himba. Enquanto a história da criança caminha para a degradação, a história de Sofia caminha para o sucesso. Sua trajetória no romance tem início no ano de 2012, dez anos após o fim da guerra civil.

Ao contrário de narrativas em que vemos a degradação do homem angolano na sociedade atual – como em *Os Transparentes*, de Ondjaki – temos uma personagem que tem

uma vida confortável à custa de oportunidades que aproveitou e de seu trabalho. Ao longo do romance essa ideia inicial vai sendo desfeita.

A primeira narrativa, a de Himba, traz-nos duas expectativas mais óbvias de desfecho, a de desesperança total no qual a ruína da personagem é o fim mais claro e a redenção de Himba como Sofia, que construiria de forma honesta e meritocraticamente uma vida de sucesso. Sabendo já que Sofia em sua infância era Himba, o que se espera dela é uma atitude heroica, depois de toda dor que passou e é o que temos no início da narrativa, pois o seu passado vai sendo pouco a pouco descoberto.

Segundo Fernando Chuí, o herói é amado pela sua dor e por como supera essa dor fazendo o bem, partindo disso a trajetória de Himba-Sofia seria perfeita. Porém seu desfecho quebra a expectativa do leitor, pois a princípio vemos uma guinada heroica, na qual o indivíduo que cresce a partir do seu próprio mérito, mas ao longo da narrativa, notamos que há desvios na busca desse mérito. Suas ações são de um “sobrevivente que assimilou a corrosão produzida pela metrópole, gerando uma retração individualista que esteriliza os projetos coletivos e utópicos.” (GOMES, s/d). Embora haja de forma individualista, seus desvios são socialmente explicados.

Em sua tese, publicada em 2003, Robson Dutra afirma que “os últimos romances de Pepetela assumem a distopia do cotidiano angolano, repensando, criticamente, um sem número de transgressões que tomou conta do país.” (DUTRA, 2003, p.16). *Se o passado não tivesse asas* segue essa temática de romances anteriores. Sobre esses romances, Dutra afirma ainda que:

alguns dos heróis da luta pela independência de Angola se transformam, sob a pena de Pepetela, em heróis às avessas e vilões da nação pela qual pretensamente lutaram, passando a agir, após a libertação, em função de interesses pessoais, esgarçando, dessa maneira, os antigos sonhos de liberdade e igualdade social. (DUTRA, p.16)

Nesse ponto vemos no corpus de estudos de Dutra algumas diferenças que são definidoras para o olhar que aqui traçamos para o protagonista do romance discutido. Diferentemente das narrativas analisadas por Dutra, temos uma narrativa que se dá no período após a independência. Não vemos uma heroína de guerra. Vemos uma personagem que tem sua vida definida pelos danos que o pós-guerra e a guerra civil causaram a população. Segundo Dutra “os romances de Pepetela rompem a sacralidade historiográfica, desfazendo seu caráter sublime e, por isso, intocável, através de desdobramentos que se abrem a novas

formas de leituras de um mesmo evento, algumas delas, por sinal, inconciliáveis.” (DUTRA, 2003, p.15-16). Há no romance essa revisão do pós-guerra. O que esse país fraturado, dividido em partidos diferente pode construir? Jovens que pensam em fazer do país recém independente um espaço de vitória e luta, sendo heróis de suas próprias trajetórias de sucesso? Ou sujeitos fraturados, assim como o país? Sujeitos feridos pelas marcas da guerra e pelo que ela causou.

O romance não mostra, como os outros, o antes e o depois, no qual um dos momentos seria o período antes da independência. Então não há esse contraste que nos traz a ilusão da existência de um herói mesmo que falho e nem mesmo de um vilão. Há trajetórias que são ocasionadas pelas fraturas sociais. Sofia não é uma heroína de guerra e nem mesmo é uma heroína utópica que vence pela superação. Ela é um produto da história do país, que se adaptou a essa história, e - retomando o termo de Gomes - percebendo que nessa sociedade ela teria que tomar ações individualizadas para seguir. Logo em momento nenhum há esse ponto de virada para Sofia, sua trajetória segue contínua. O ponto de virada se dá apenas para o leitor, que quebra a expectativa da construção do herói. Não é depois de um momento de virada que Himba perde sua utopia e deixa de agir de acordo com seus ideais. A partir do momento que se vê na rua e sem possibilidades de esperança, ela começa a agir de acordo com a sua necessidade, visando sobreviver e viver da melhor forma possível.

Ao longo do romance vamos descobrindo outras nuances da personagem. Uma delas é o seu silenciamento. Nem com os mais próximos Sofia fala de sua vida pessoal, não parece ter amigos e/ou relações próximas – a não ser com o irmão Diego – e parece viver para o trabalho e seu sonho de ascensão através dele. A personagem não fala do resto da família e sobretudo do passado. Há com isso uma fuga, ou mesmo uma vontade aliada à necessidade de se desligar dessa vida anterior, quando ainda era Himba. Cabe lembrar que a sua infância se deu em um período de guerra e, mais que isso, foi totalmente mudada em razão da guerra. Sofia é uma sobrevivente desse período, e que tem um passado que não é possível de descrever, e mais que isso, tem um passado que quer esquecer. O silenciamento é uma forma de não retomar essas histórias de um passado de trauma. É um modo de seguir adiante.

Embora seja esse passado que tenha construído toda sua visão e adaptabilidade, e que as atitudes de ambas conversem bem, Himba e Sofia habitam universos totalmente diferentes. Não só o tempo faz com que a diferença entre ambas seja observada, mas o espaço que cada uma ocupa socialmente. Socialmente são pessoas totalmente diferentes. Esses silenciamentos

atuam como uma barreira que divide esses dois momentos da vida da personagem, entre o que deve ou não ser lembrado, o que ainda deve ser vivido e o que deve/precisa ser esquecido.

Rita Schmidt afirma que “os estudos literários podem articular o seu papel educacional com uma função social de relevância na medida em que abrirem o campo da reflexão e crítica às formas de silenciamento, de exploração e destituição do humano” (SCHMIDT, 2008, p. 139). Com a leitura desse romance podemos pensar na construção do sujeito social angolano a partir da trajetória de Himba e do silenciamento que essa vida anterior causa em Sofia. Toda essa negação ao passado e o esforço em fazer com que não haja nada dele no presente, mostram quão grande é o trauma da vida anterior. Por mais que a personagem consiga ter uma vida totalmente desligada de seu passado, é também pelos silenciamentos que essas lembranças ainda se mostram na sua vida.

Os silêncios fazem com que ela não deva nada a esse passado, tirando dela e da vida que constrói qualquer expectativa que o conhecimento desse passado possa trazer para si. Ao se afastar desse passado, ela nega uma relação com ele e a explicação da construção de sua própria identidade enquanto Sofia. Logo, o silenciamento se dá também porque agora vive em um ambiente em que não há mais espaço para o seu passado. Ela trabalha em um restaurante que ajudou a erguer com um cargo de confiança e passa a conviver com pessoas ricas e com alto poder social. Sofia se sente distante dessas pessoas, mas aos poucos vai ficando mais próxima do grupo, mesmo que veja a clara diferença entre eles. Vejamos o trecho a seguir:

Sofia tinha sido aceite pelo grupo e esqueciam que ela também não era herdeira de coisa nenhuma, nem princesa e nem sequer colunável. Ela percebeu ser de outro mundo, mas por momentos tentou ignorar e se sentir também nascida em família rica, desconhecendo de onde vinha o dinheiro. Não durou muito o faz de conta, caiu na realidade. (SOPNTA, p.140)

Por mais que Sofia viva nesse novo espaço, ela não se encaixa totalmente. A boa vida que tem hoje nem sempre foi uma realidade e é dura comparada a de seus novos amigos. Com a inserção de Sofia nesse grupo vemos duas facetas do homem da Angola de hoje. Vemos dois lados que não são comumente trazidos nos romances: jovens adultos que já nasceram na Angola independente e que possuem uma vida boa, porque são filhos daqueles que se beneficiaram com a criação do novo país. Sofia, pertencente à classe média e que conquistou isso pelo trabalho e os milionários, filhos daqueles que lucraram com a independência. Mais que isso, Sofia faz parte o grupo que sofreu com as consequências da criação do país. No romance vemos como os mais ricos estão desconectados com a história

do país, enquanto a vida de Sofia foi definida por acontecimentos que fizeram parte da história. E é nesse novo espaço que ela precisa agora se adaptar, por mais que veja a diferença entre ela e os outros, o afastamento e a negação desse passado é primordial. Esse passado ressalta a diferença.

Ao mesmo passo que negar o passado é uma forma de seguir em frente, negar o passado é uma forma de negar a possibilidade do herói. A sua trajetória seria heroica pela relação que estabelece com a dor e a superação dela na construção de uma vida digna. A construção do herói, nesse caso, sugere uma relação de superação do passado. A primeira vista temos uma ideia de total negação do passado. Mas ele se presentifica, mas não na projeção do herói, se presentifica na astúcia e na adaptabilidade. Não há verdadeiramente uma cisão. A mudança para Sofia, a inserção no espaço dos jovens ricos são movimentos de adaptabilidade e levados pela escolha pelo que pode ser melhor para si. Himba/ Sofia segue fazendo as escolhas que a levam sempre a viver melhor.

Com Sofia tendo uma vida de ascensão, como temos na história, esperamos que ela corresponda ao modelo de herói, seja incorruptível, forte, íntegra e que por mais que tenha passado por uma série de percalços, isso seja superado com uma conduta de força e bondade. O leitor espera que essa seja a construção da protagonista porque procura um tipo de personagem. A tipificação faz com que esperemos que os personagens obedeçam ao padrão de determinado grupo. Stuart Hall afirma que:

De acordo com esse argumento, então, os limites simbólicos são centrais para toda a cultura. A marcação leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer cultura e estigmatizar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a diferença seja poderosa. (...) Assim o socialmente periférico está, com frequência, simbolicamente centrado. (HALL, p.157)

No romance nós temos esse periférico centrado, mas esperamos que a protagonista siga um determinado modelo social, representando seu grupo. Esse tipo de construção, que minimiza o sujeito e tira deles particularidades cai em um estereótipo do qual Sofia escapa. Nesse caso temos uma diferença na política de representação do personagem, a uma flutuação do tipo representado, ela é uma construção do indivíduo pós-moderno pois há nuances diferentes na sua construção. Maria da Glória Bordini afirma que

“O indivíduo moderno pós-moderno, portanto, vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desestabiliza em relação

tanto a si quanto aos outros. (...) Christopher Lash fala em atitude sobrevivencialista como a de alguém que, exposto a um ambiente atroz, recolhe-se para um “mínimo eu”, a fim de manter-se vivo (Lash, 1984). (BORDINI, p.54)

É justamente para manter-se viva e bem em seu ambiente que Sofia segue a sua vida quebrando esse estereótipo do herói. A sua vida muda, mas o mundo ao seu redor permanece o mesmo, assim a sua forma de viver vai obedecer a aquilo que a sociedade mostra possível. Ao fim do romance Sofia age de forma enganadora para ficar com todo o restaurante em que trabalha, sem considerar que a dona deixara dois filhos, um com problema mental e um que estava já fora do país. Não há por parte dela a intenção de transmitir essa herança. A situação favorece seu ato que pelo irmão é considerado corrupto, mas muito de sua escolha vem do que já viveu. O que é necessário fazer para se manter no ambiente em que se encontra? Como se manter segura na sua posição?

O jornalista Rafael Marques afirma em uma entrevista que a corrupção é a forma que muitos encontraram para sobreviver em Angola: “As pessoas, em determinada altura, passaram a acreditar que a corrupção era um modo de vida.”(MARQUES, Rafael. Apud: MANTOVANI, 2012, s/p). Ficar com o restaurante foi a forma que Sofia viu de continuar no lugar em que está, a forma mais simples de colher os frutos de um trabalho que foi dela – visto que o crescimento do lugar se deu em razão de sua visão. Em uma resenha sobre o romance Sheila Jacob afirma que:

O diálogo final, entre Sofia e Diego, é forte e muito significativo, pois, apesar de denunciar atitudes individualistas por parte da irmã, nos apresenta um personagem que, mesmo carregando tantos traumas do passado, diz não à inevitabilidade da corrosão moral pela ambição e dos jogos mesquinhos de poder (JACOB, p.157)

Mais uma vez ela repete o tipo de escolha que fez quando ainda era chamada de Himba, fez o que tinha que fazer para se manter bem onde está. Ao fim do romance vemos que a própria personagem explica as suas escolhas, atrelando ao seu passado e à história do país, como podemos ver a seguir em um diálogo com Diego:

- Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou resultado dela. Não vou ser um escravo dessa ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.

- Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.
- Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos. (SOPNTA, p. 354-355)

Sofia, seu modo de vida e suas escolhas são um produto da história. É o que a Angola independente pode fazer, seu modo de construir o sucesso é também corrupto como o país. A protagonista se adapta e vive da melhor forma sempre, mesmo que pra isso suas escolhas não sejam as mais corretas. Mas são as que sempre foi condicionada a ter.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Guerra e Paz em Angola**. In: <<http://www.cccb.org/rce_gene/agualusa-portu.pdf>>

ARAÚJO, Kelly Cristina Oliveira de. “Um só povo. Uma só nação.’ **O Estado e a diversidade cultural em Angola (1975-1979)**”. Texto disponível em <http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios>.

BENOT, Yves. **Ideologias das independências africanas**. Lisboa: Sá da Costa/Luanda: INALD, 1969.

BORDINI, Maria da Glória. “Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura”. In: HELENA, Lucia. **Literatura, intelectuais e a crise da cultura**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Brasília: CNPq, 51-63, 2007.

CURY, Maria Zilda Ferreira. “Poéticas da precariedade”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. N. 41. Brasília, jan/jun 2013.

DUTRA, Robson. **Pepetela e a elipse do herói**. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACOB, Sheila. Estórias que a história tece”: reflexões a partir do romance Se o passado não tivesse asas, de Pepetela. **Anais do VII Sappil**, 2017.



JACOB, Sheila. Resumo. Resenha do livro: PEPETELA. Se o passado não tivesse asas. **Revista Mulemba**, 2017.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas**. Lisboa: Dom Quixote, 2016.

PUREZA, José Manuel. “A turbulência das zonas de fronteira: estereótipos, representações e violências reais”. In: Ribeiro, António Sousa (Org.). **Representações da violência**. Coimbra: Almedida, 2013.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.32 julho/dezembro 2008.